

Um professor de Matemática na ECA

Resumo: Neste Depoimento, a revista *Comunicação & Educação* republica o discurso proferido pelo Prof. Dr. Osvaldo Sangiorgi na cerimônia pública de outorga do título de Professor Emérito, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 14 de dezembro de 2000. Antes, porém, apresenta uma síntese do seu trabalho a partir de comentários de seus alunos e seguidores. Em seu pronunciamento, Sangiorgi destaca o papel do professor na formação humanística do estudante, principalmente na atualidade, momento em que as novas tecnologias permitem acesso ilimitado às informações e no qual a educação a distância e as chamadas escolas virtuais ganham destaque. O Professor Emérito destaca, ainda, a importância dos mestres da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em sua formação e relembra seu percurso profissional enquanto professor, escritor de livros didáticos de Matemática e pesquisador.

Palavras-chave: professor, formação humanística, Matemática, cibernética, virtual.

Abstract: In this testimonial, the journal *Comunicação & Educação* republishes the discourse made by Prof. Dr. Osvaldo Sangiorgi in the public ceremony in which it was conferred him the title of Professor Emeritus, by Escola de Comunicações e Artes of Universidade de São Paulo, on the 14th December of 2000. After presenting a synthesis of his work by talking on his pupils and followers, Sangiorgi emphasized the role the teacher has in giving the student a humanistic background, most especially nowadays, a period in history in which new technologies give people unlimited access to information and in which education, distance, and the so-called virtual schools are gaining space. The Emeritus Professor also highlights the importance his professors – from the old College of Philosophy, Sciences and Letters – had in his background and brings up his professional trajectory as a Professor, Mathematics textbook writer and researcher.

Keywords: professor, humanistic background, Mathematics, cybernetics, virtual.

A revista Comunicação & Educação, neste número, decidiu homenagear um mestre que muito contribuiu para a formação de milhares de brasileiros: o Professor Osvaldo Sangiorgi, conhecido por muitos como autor de livros didáticos de Matemática e, por outros, como professor de Comunicação, Educação a Distância e Informática.

Osvaldo Sangiorgi foi docente da Escola de Comunicações e Artes da USP de 1969 ao início dos anos 2000, tempo no qual orientou uma vasta quantidade de mestres e doutores. Sua carreira infatigável, sua personalidade entusiasta e infatigável só perdeu a força quando um acidente de carro fez com que se afastasse das lides pedagógicas. Poucos conheciam e praticavam como ele a interface entre comunicação e educação e, dadas as limitações que o acometem hoje, nossa revista decidiu republicar neste Depoimento o discurso proferido pelo Prof. Dr. Osvaldo Sangiorgi na cerimônia pública de outorga do título de Professor Emérito, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 14 de dezembro de 2000. Antes, porém, gostaríamos de apresentar uma síntese

do seu trabalho a partir de comentários de seus alunos e seguidores, lembrando de um tempo, ainda não longínquo, em que ele transitava entre carteiras e computadores em busca da ciência, da comunicação e da cidadania.

NÚMEROS E PALAVRAS. O UNIVERSO DE SANGIORGI

Por João Anzanello Carrascoza

Universo é ordem, embora vivamos num universo de desordem. E, para ser o que é, harmonia em meio ao caos, o universo tem as suas leis, as suas regras de três, as suas equações, os seus teoremas. Mas em cada instante do universo, que é o diverso na unidade, há milhares de anos-luz de mistérios, há uma eternidade no espaço entre uma estrela viva e outra extinta, que, no entanto, suspensa no céu escuro, ainda brilha. E se o universo é infinito, no princípio, antes mesmo de seus números complexos, havia o verbo sideral, a palavra grávida de planetas.

No silêncio do universo, acima dos buracos negros, entre nebulosas de dúvidas e galáxias de desejos, uma rama de seus filhos, de humana condição, assim chamada porque vinda do húmus de uma terra – o pó estelar e a água (com a sua sede de ser) –, ganhou dos deuses a dádiva de mover a vida com os números ou as palavras.

E justamente por ser o que são, limitados, esses seres (eu, você e todos nós!) cumprem a sua existência dominando uns os números, outros as palavras. Mundos pela metade, não se inteiram da outra parte, vão adiante com o que têm, ou só algarismos, ou só letras.

Mas eis que a uns poucos eleitos a providência deu os dois dons, porque anteviu que saberiam uni-los com o fio da alegria.

Oswaldo Sangiorgi é um desses escolhidos a dedo pelo universo.

Na habilidade com os números, toda vez que a vida lhe deu um sinal de menos, ele o mudou para o de mais. Toda vez que descobriu como chegar a um resultado mais fácil, dividiu a solução com seus pares.

E as palavras? Com elas, Sangiorgi multiplicou os sonhos e, melhor, tirou-os do rio das possibilidades e os trouxe, em cardumes, para a realidade. Contra as sílabas do marasmo, lá vinha ele com frases, linhas, páginas inteiras de realizações.

Foi assim que o conhecemos, quando chegou à Escola de Comunicações e Artes com seus livros didáticos de Matemática já adotados pelo país afora, reconhecido não apenas como um professor singular, na planície acadêmica, mas muito acima, no planalto onde habitam os educadores plenos.

Egresso, então, do campo numeral, no qual mostrou em linhas retas, curvas e ângulos a sua sabedoria, veio ministrar entre nós as disciplinas Teoria da Informação e Cibernética Pedagógica. Metido em seu avental azul, pontual com o conhecimento, moveu-se à vontade em seu outro elemento, o vocabular, tecendo lições e ensinamentos com a sua verve humanista.

Vendo sempre além, Sangiorgi enxergava lá adiante para onde ia a informática e deu logo os primeiros passos para a instalação do Núcleo de Informática da ECA, o NICA. Era só o começo. Porque, lá foi ele, num novo *fiat lux*, iluminar outros caminhos com a criação do Grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica.

E, como ia à raiz das questões, Sangiorgi passou a lecionar a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros. Com ele, entendemos porque esta *terra brasilis* é, sim, da nossa conta, e, sobretudo, porque o jeito de olhar o mapa de nossos desníveis é o primeiro estágio para se chegar às soluções definitivas.

Se o caso é de quantidade, Sangiorgi, como orientador afetuoso e compreensivo, formou inúmeros, inúmeros, inúmeros mestres e doutores.

Qualidade, contudo, é o seu valor favorito. No vínculo com as pessoas. Nas várias frentes em que atuou, conciliando comunicação e educação, como o Departamento de Ensino da Fundação Padre Anchieta, responsável pelos programas do Telecurso Segundo Grau.

Quando nem se falava em educação a distância, Sangiorgi já estava perto de formatos e metodologias que hoje são o dia a dia desse modelo de ensino. Quando ninguém pensava no cultivo da educação digital, lá estava ele semeando.

Tal qual os dervixes, Sangiorgi disse um dia nesta mesma escola, ao ser homenageado, que “a vida é movimento”.

O movimento dos acordes que gera a música das esferas. O movimento dos olhares que vê maior o que muitos nem sequer veem. O movimento da Matemática Moderna que ele levou avante, percebendo nas críticas não uma pedra no caminho, mas descobrindo nelas um caminho entre as pedras. O movimento dos muitos lábios que soube abrir em sorrisos. O movimento que dá ritmo aos versos e faz o encanto da poesia.

Entre números e palavras, abraçado a esses seus dois trunfos, Sangiorgi fez girar a roda das mudanças. E nós, que mal entendemos de números, e pouca habilidade temos com as palavras, deixamos para ele, aqui, o nosso carinho.

Nestes tempos de homens soturnos, ouvimos a sua risada amiga, esse mantra que nos conduz sempre à *realegria*. Nestes tempos em que vicejam falsos doutores, de saber tão parco, incapazes de preencher um grão de areia, eis aí um homem humilde, generoso, imenso. Um mestre-universo.

A TRAJETÓRIA DE UM MESTRE – PROFESSOR SANGIORGI

Por *Lucilene Cury*¹

***A vida nos prepara cada cilada...
E aqui estamos nós falando dele, sobre ele, por ele***

Melhor seria ele próprio descrever os movimentos que compõem sua brilhante trajetória pelos caminhos da vida acadêmica e profissional.

1. Colaborou a jornalista Edilaine Felix, mestranda do PPGC-ECA-USP.



Prof. Dr. Osvaldo Sangiorgi.

Entusiasta por natureza, educado como poucos, gentil e conciliador, sempre soube se impor e, ao mesmo tempo, aceitar as nossas limitações, principalmente como orientandos.

Sua sala na ECA, mais especificamente no CCA, era repleta de livros, de gente, de giz, mas também de balinhas, gentilmente oferecidas a todos. Ele, com seu avental azul, iniciava pontualmente as aulas às 8 horas da manhã, depois de ter nadado, feito exercícios, e nós, na condição de alunos, como são todos os alunos, vínhamos chegando às 8h15, às 8h30, ainda dormindo. Quando entrávamos, a lousa, que já estava toda escrita, se apagava e nós corríamos atrás do prejuízo.

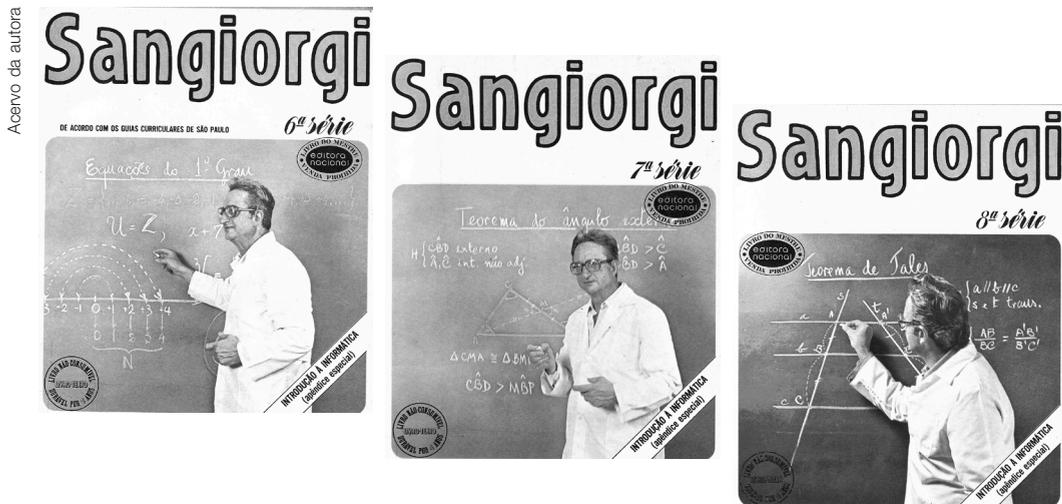
Lembranças boas, de bons tempos dele e nosso...

Educador conhecido no mundo da Matemática e da educação matemática

Movido pela busca da novidade e pela sua inquietante curiosidade, o Professor Sangiorgi chegou à ECA em 10 de março de 1969, onde ministrou as disciplinas de Teoria da Informação e Cibernética Pedagógica no Curso de Pós-Graduação. Sua atenção já estava voltada para a Informática, e ele deu os primeiros passos para a instalação do Núcleo de Informática da ECA (NICA), a partir de 1987, quando assumiu a presidência da Comissão de Informática da ECA, conforme consta da Portaria Interna n. 17, de 30/04/1987. Em 04/05/1988, com Ofício C. Informática -01/88, propôs ao então diretor da Escola de Comunicações e Artes, Prof. Dr. Walter Zanini, a implantação, em caráter definitivo, do Plano Diretor de Informatização da ECA, nos seus setores Acadêmico, Administrativo e de Inter-relacionamento com o Centro de Computação Eletrônica (CCE) da USP. O nome sugerido à época era Centro de Informática de Comunicações e Artes (CICA), como consta de Portaria Interna n. 01, de 3 de janeiro de 1989.

Criou o Grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica, à luz dos teóricos da área, com os quais compartilhava as ideias que são trabalhadas até hoje pelo grupo recentemente renomeado – *Cibernética Pedagógica: Laboratório de Linguagens Digitais* –, certificado pelo CNPq desde 2004.

Formou inúmeros alunos e mais de quarenta mestres e doutores, o que faz com que sua obra tenha continuidade na ECA, no Brasil, em várias instituições, como é o caso da Fundação Padre Anchieta – de Rádio e TV Educativas, onde



A obra de Sangiorgi, autor que pela primeira vez elaborou um texto didático de Matemática Moderna para ser utilizado no ginásio, espalhou-se pelo Brasil. Os arquivos da Companhia Editora Nacional contêm cartas de diversos pontos do país, que pediam a biografia de seu autor.

dirigiu o Departamento de Ensino, sendo responsável pelo Telecurso Segundo Grau e outras programações educativas.

Sempre esteve envolvido com a educação, a partir da Matemática e, preocupado com a educação matemática, elaborou alterações na programação do ensino do estado de São Paulo.

Tratou da educação a distância – via Rádio e TV (Supletivo). Dirigiu-se à Informática e, desde a década de 1970, realizou o que chamamos hoje de Educação Digital.

O binômio comunicação e educação está presente em todas as suas atividades, como pode ser verificado nos trabalhos em que são solicitadas entrevistas realizadas por alunos de pós-graduação e pelas dissertações e teses resultantes dos estudos que se debruçam sobre sua obra, ou que revertem para a organização de seus livros, como é o caso de *Osvaldo Sangiorgi: um professor moderno*, organizado por Wagner Rodrigues Valente², que também serviu de fonte para este texto.

Em 2004, o Professor Sangiorgi foi convidado para dar início às atividades docentes do Departamento de Comunicações e Artes (CCA), à época chefiado pela Profa. Beatriz Lage. A homenagem ocorreu no Auditório Freitas Nobre do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), onde estavam presentes professores, alunos e bolsistas de Iniciação Científica que seguem o trabalho por ele iniciado na ECA, principalmente junto ao Grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica.

Nessa data, seu depoimento foi forte e conciso: “A vida é movimento!”.

Muito bem! É nessa linha que caminhamos, em busca de movimentos que levem a transformações, a mudanças, a novas soluções para os já bem velhos problemas, sempre em busca do melhor possível, fruto da exigência de quem acredita que educar bem é possível e com prazer. Como ele próprio fazia em

2. VALENTE, Wagner Rodrigues (Org.). *Osvaldo Sangiorgi: um professor moderno*. São Paulo: Anablume, 2008.

relação à Matemática: “Vamos, pois, estudar Matemática com prazer... Seja muito feliz nesta viagem ao maravilhoso país da Geometria”³.

Agora, justamente nesta época, queremos fazer deste texto uma homenagem carinhosa ao aniversário do Professor Sangiorgi, ocorrido no dia 9 de maio.

Obrigada por ter, um dia, me acolhido em sua sala e me aceitado como orientanda! Seu voto de confiança será sempre inesquecível!

Homenagem de outros professores

Prof. Artur Matuck

Profa. Maria de Fátima Gonçalves Moreira Talamo

Prof. Luiz Barco

Profa. Beatriz Lage

Homenagem de orientandos de mestrado e doutorado

Isabel Pereira dos Santos

Paulo Quadros

Heloisa Helena Steffen

José Augusto Mattos Berlink

Ricardo Baptista Madeira

Carlos Hernan Guerrero Santana, dentre outros.

E de tantos colaboradores, como Regina Garcia, do CCA e secretária do NICA.

UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA NA ECA⁴

Mesmo na era digital e virtual, a educação humanística continua como centro na relação professor/aluno

A História registra que, no antigo Império Romano, ano 25 a.C., os senadores que prestavam relevantes serviços ao Império adquiriam o direito de viver na cidade chamada *Augusta Emerita*, construída por Augusto – primeiro imperador romano – e eleita como local-prêmio para receber tais senadores.

Augusta Emerita foi considerada uma das obras-primas do século de Augusto – nome que se dá ao período mais brilhante da história de Roma. Hoje, esta mesma cidade, situada na Espanha, entre Salamanca e Santiago de Compostela, é denominada simplesmente *Mérita*, trazendo, ainda, traços indelévels das clássicas construções romanas (teatros, salões, pontes, arquiteturas diversas de recepção e outras edificações), que retratam a cidade-éden dos eméritos senadores responsáveis pelas causas nobres da época.

Neste prêmio que ora recebo de emérito, ao invés de senador a palavra utilizada é Professor, e isto me deixa felicíssimo, porque ser professor, meus amigos, é muito mais do que ter uma profissão. Na verdade, o professor é um ser humano especial no exercício de vida, na *transmissão de conhecimentos* para outro ser humano. Dessa forma, todo professor é um educador na concepção multiabrangente da *paideia* de Platão, na antiga Grécia – berço da civilização

3. Ibid., p. 57.

4. Discurso proferido pelo Prof. Dr. Osvaldo Sangiorgi, na cerimônia pública de outorga do título de Professor Emérito, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 14 de dezembro de 2000.

ocidental –, ao ressaltar ser o professor o responsável direto pela própria *formação do ser humano*.

Na linguagem moderna, em tempo de era digital e das avançadas tecnologias da informação, o professor continua sendo o centro de gravidade de qualquer sistema educacional, mesmo que esse sistema transite numa faixa virtual, tão comum nos dias atuais.

Um exemplo edificante e oportuno – entre os muitos que o Brasil possui – do que é ser professor, está, no momento, na pessoa de Miguel Reale, que acaba de completar 90 anos de atividades ininterruptas nas áreas de educação, da cultura ampla e irrestrita, da Filosofia e da área jurídica, da qual é figura proeminente, internacionalmente conhecida. Homenageado há pouco pela Universidade de São Paulo, da qual foi seu Magnífico Reitor, por duas vezes, disse o nosso excelso referencial Professor Miguel Reale: “A presença mais importante aqui é a dos meus ex-alunos que representam 40 anos de trabalho; para eles sempre forneci um ensino *formativo* e não apenas dei-lhes informações e mais informações”. A propósito dessa sábia sentença, destaca-se o importante fato de as pessoas estarem diariamente recebendo uma carga exagerada de informações (pela imprensa, rádio, televisão, e de toda a hipermídia gerada no ciberespaço), num tempo em que o cérebro é incapaz de processá-las. Esse massacre contínuo de informações provoca a chamada síndrome da fadiga por informação, que produz sintomas físicos e psicológicos, para não dizer um estresse que impossibilita o cidadão de tomar decisões, adiando-as constantemente.

Professor e escola virtual

Na ordem do dia, têm-se ainda as Escolas Virtuais, Universidades Virtuais, que serão sempre bem-vindas, não só por apresentarem famosos resultados de aplicações das novas tecnologias da informação, nas comunicações, como também por refletirem um cenário com aparência de ficção científica neste ano de 2000. É o início de um novo século de digitalização total que já está sendo vivenciado, no qual os átomos componentes da matéria estão sendo substituídos por *bits* 0 e 1, na maior interatividade dos meios eletrônicos, permitindo transmitir simultaneamente imagens, sons, textos e animações, numa curiosa equivalência entre ensino a distância e ensino presencial (ou seja, de distância zero!).

Agora, em face do uso de tanta tecnologia avançada, surge um desafio muito natural aos educadores para fazer chegar aos alunos (seres humanos), dos quatro cantos do mundo, os conhecimentos a serem transmitidos pelo ser humano professor.

Qual a metodologia a ser utilizada para garantir o diálogo ou o *calor humano* que deve coexistir na relação professor/aluno? No caso, por exemplo, de uma Universidade Virtual, é necessário não se descuidar da formação integral e humanística do jovem estudante que pretende profissionalizar-se e que seja competente em sua especialidade, bem como atuante na sociedade em que vive.

Caso contrário, prevalecerá um pseudorrelacionamento usual do tipo *empresa.com* que, certamente, o encaminhará para uma *deseducação* virtual.

É imprescindível, pois, que se encontre um *espaço* no próprio ciberespaço (aquele mesmo espaço que em outras épocas era chamado de ondas hertzianas, utilizadas pelo rádio, televisão, computador etc.), que possa patrocinar a interação professor/aluno (hoje denominada *humanware*), local onde se manteriam diálogos *vis-à-vis*, entre professor e aluno, via *Web*, sem perder a dimensão humana do solene ato de educar.

Dessa maneira, por mais sofisticados e evoluídos que sejam os meios utilizados para transmissão de conhecimentos e quaisquer que sejam os suportes (Escola Convencional ou Escola Virtual), o professor continuará sendo a *fonte de emulação da conduta e da operacionalidade* do sistema educacional vigente.

Ainda dentro do tema “ser professor”, tenho um dever de gratidão aos professores que me honraram com suas aulas na antiga e nobilíssima Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa Faculdade, tão abrangente em seu nome, ensejou em 1934 a fundação da própria Universidade de São Paulo – hoje um dos maiores patrimônios culturais das Américas, mais conhecida pela sigla USP –, propiciando, inclusive, naquela época, a vinda de uma elite de professores estrangeiros dos grandes centros universitários europeus. Vencidos mais de quarenta anos das minhas licenciaturas em Física e Matemática, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, alargo meu pensamento aos ilustres mestres: *matemáticos* (Luigi Fantappiè e Giacomo Albanese, italianos; Omar Catunda e Cândido da Silva Dias, brasileiros) e *físicos* (Gleb Wataghin e Giuseppe Occhialini, italianos; Mário Schemberg e Abraão de Moraes, brasileiros). Todos eles portadores de uma invejável bagagem cultural nas áreas das Ciências, Humanidades e Artes, tal como já se exprimia, em 1490, Leonardo da Vinci – um dos mais versáteis talentos da humanidade em pintura, escultura, Física, Engenharia e Biologia: “A Arte é um instrumento de conhecimento científico”. Lembro-me, a esse respeito, do prazer que tive em poder ouvir e ver, na Secção de Letras, o lírico poeta do mundo Giuseppe Ungaretti; sem ser seu aluno direto, desfrutava, contudo, de suas enlevadas e mágicas aulas, usufruindo uma das vantagens de ser aluno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Elejo a década de 1960 o período dos anos mais dourados de minha vida, como um apaixonado professor que passaria a transmitir suas aulas por escrito, pois apliquei todos os saberes adquiridos na USP como escritor de livros didáticos de Matemática, convidado que fui pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, à qual presto a minha homenagem, neste momento, pelos longos anos de convívio intelectual em prol do aperfeiçoamento do livro didático brasileiro, que já se apresentava com destaque na literatura mundial.

Daí com a Matemática Moderna, empolgando os estudiosos da época, foi possível dar minha colaboração numa emocionante aceitação dos livros por todo o Brasil e em alguns países da América do Sul.

Em 1961 foi fundado, em São Paulo, o Grupo de Estudos do Ensino da Matemática – GEEM, que, reunindo mestres da Universidade de São Paulo, Universidade Católica e Universidade Mackenzie, em convênio com o MEC e Secretarias de Educação do Estado e do Município de São Paulo, ofereceu cursos de aperfeiçoamento em Matemática para milhares de professores do ensino, hoje, fundamental e médio. Muitos GEEMs, então, se espalharam pelo país, numa demonstração inequívoca de uma nova dimensão na reestruturação e aperfeiçoamento da formação do professor de Matemática.

Grandes transformações se deram no país, a partir de 1968, no campo pedagógico da Matemática: a participação nas Feiras de Ciências, a criação das Olimpíadas de Matemática, a introdução de Jogos Lógicos nas Escolas, o desenvolvimento de Cursos de Matemática Moderna para os pais constituíram-se na maior mobilização de estudantes de todas as idades em torno dessa disciplina.

Na ECA: benjamim da USP

Em 1969, a convite do Prof. Dr. Antônio Guimarães Ferri, então diretor da Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, passei a integrar o corpo docente dessa Escola, que era o *benjamim* da USP e representava, na época, um desafio aos educadores pelo ecletismo de suas ofertas universitárias.

Na reforma universitária desse mesmo ano, a Escola de Comunicações Culturais passou a chamar-se Escola de Comunicações e Artes, atualmente conhecida por um nome muito breve, mas de muito orgulho: ECA. Nessa reforma, foram criadas as Artes (plásticas, cênicas e música), com a continuidade dos demais Departamentos (Jornalismo e Editoração, Biblioteconomia e Documentação, Relações Públicas, Propaganda, Publicidade e Turismo, Cinema, Rádio e Televisão) e mais a Escola de Arte Dramática.

A nova estruturação da ECA possibilitou-me introduzir no curso de graduação a disciplina Teoria da Informação, que, pela primeira vez entre nós, permitiu medir, em bits, a quantidade de informação provinda de qualquer fonte geradora de mensagens (textos impressos, jornais, livros, revistas, cartazes, quadros, uma sinfonia de Beethoven, um painel de cotação de bolsas etc.). Foi uma revolução na época com a revelação do talento de muitos alunos para os aspectos quantitativos da informação, ouvindo e calculando em bits, justo eles, mais acostumados aos estudos qualitativos da informação nos seus aspectos sociológicos, antropológicos, históricos e filosóficos.

Como diretor do Departamento de Ensino da Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e TV Educativa –, tive a oportunidade de coordenar telecursos e telescolas considerados precursores no Brasil e ser autor de projetos teleducativos de projeção internacional, que fizeram jus a inúmeros prêmios.

Na década de 1980, acompanhando o ritmo acelerado das Novas Tecnologias da Informação na Comunicação, iniciei na pós-graduação da ECA as disciplinas

Cibernética e Cibernética Pedagógica, que se constituíram de grande valia para os interessados em pesquisas científicas na carreira acadêmica universitária.

Aproveitando, ainda, o poder da informação nas telecomunicações do atual mundo globalizado, dirigi estudos na pós-graduação da ECA, a partir de 1998, de Aplicações das Redes Neurais Artificiais nos Sistemas de Comunicação, constituindo-se, no momento, numa valiosa contribuição à Educação.

Embora aposentado, sinto-me, presentemente, sempre renovado nas minhas funções de professor da ECA, principalmente quando em contato com o ambiente de sala de aula e, mais ainda, quando estou com o pátrio poder de estar orientando mestrandos e doutorandos, que representam o porvir cultural de nosso país.

Por uma verdade de consciência, sinto-me no dever de considerar a Universidade de São Paulo como o maior polo de produção científica, humanística, artística e de prestação de serviços à comunidade do Hemisfério Sul. A USP acaba de inaugurar o seu sistema *on-line* de Informação e Comunicação, ou seja, o seu Portal para o mundo, sob a coordenação de ilustres colegas da ECA.

À Escola de Comunicações e Artes – a nossa querida ECA –, por tudo o que já fez e está propiciando aos jovens do Brasil e a muitos do exterior, em termos de cultura geral nas dimensões sociais, humanas, científicas e artísticas, ofereço a minha admiração, dedicação e eterna gratidão.